

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"O CODEX V DE NAG HAMMADI: UM CORPUS
APOCALÍPTICO"**

SBEC - CONGRESSO NACIONAL, 11-15 DE JULHO 2005

"MEMÓRIA E FESTA"

Julio César Chaves

Mestrando em Teologia e Ciências da Religião / Université

Laval

Prof.Dr. Louis Painchaud



Resumo / abstract

A coleção de manuscritos cópticos encontrados no ano de 1945 na região próxima à cidade de Nag Hammadi, alto Egito, tem sido considerada pelos estudiosos como um conjunto de textos gnósticos. Dentre os 13 códices encontrados, o *Codex V* destaca-se primeiramente, pela unidade lingüística, todos os textos estão escritos no dialeto cóptico saídico. Há, porém, mais características comuns entre os cinco textos presentes no *Codex V*, sendo a apocalíptica a mais latente. Todos os cinco textos apresentam elementos nitidamente apocalípticos. E pelo menos quatro desses textos possuem o título de apocalipse no manuscrito. Essa comunicação procura discutir até que ponto pode-se considerar os textos do *Codex V* como verdadeiros apocalipses e ainda, os elementos de unicidade entre os textos, bem como algumas de suas particularidades.



O Codex V de Nag Hammadi: um corpus apocalíptico

O codex V da biblioteca cóptica de Nag Hammadi pode ser considerado o mais homogêneo da coleção encontrada no Egito em 1945. Dentre os 12 códices encontrados em Nag Hammadi, o codex V é o único com clara unidade lingüística e literária. As características entendidas como apocalípticas, presentes em todos os textos desse codex, fizeram com que os estudiosos passassem a chamá-lo de "o codex dos apocalipses". Este artigo discute as características presentes nos cinco textos do codex V de Nag Hammadi que permitem que ele seja assim definido como apocalíptico, bem como, certos limites e críticas a esta definição.

É importante lembrar ainda, que a coleção de textos encontrados em Nag Hammadi é normalmente entendida como sendo um corpus de textos gnósticos. Portanto, além de apocalípticos, os textos do codex V são gnósticos¹. Os cinco textos são *Eugnostos, o abençoado* (NH V.1); *Apocalipse de Paulo* (NH V.2); *1 Apocalipse de Tiago* (NH V.3); *2 Apocalipse de Tiago* (NH V, 4) e o *Apocalipse de Adão* (NH V.5)².

¹ O gnosticismo é uma denominação genérica para uma religião, ou, como foi chamada nos primeiros séculos pelos Padres da Igreja, heresia, que possuiu diversas manifestações e ramificações. Não existiu apenas um tipo de gnosticismo, mas sim vários. No caso do corpus literário de Nag Hammadi é possível facilmente identificar no mínimo duas destas correntes do gnosticismo, o valentianismo e o setianismo. A primeira possui esse nome porque surgiu dos ensinamentos de Valentino, cristão erudito que viveu em Alexandria no século II. A segunda recebeu tal nome devido a grande importância dada em sua teologia à figura de Set, filho de Adão.

² Essa é a ordem em que os textos estão dispostos e foram encontrados. A numeração de "primeiro" e "segundo" usada para designar os *Apocalipses de Tiago* é uma convenção utilizada pelos editores modernos, visto que ambos os textos tem o mesmo título nos manuscritos: *Apocalipse de Tiago*.



A unidade lingüística do codex V é a primeira característica peculiar e que chama atenção. Todas as obras encontradas em Nag Hammadi estão escritas em copta, língua egípcia antiga de gramática e estrutura semítica, mas de grafia grega³. O cóptico porém, não possuía uma unidade lingüística na antiguidade tardia, fato ilustrado claramente pelo conjunto de obras de Nag Hammadi. A quantidade de dialetos cópticos encontrados nos diferentes textos da coleção é considerável. Há no mínimo dois dialetos que podem ser claramente identificados no conjunto de obras de Nag Hammadi, o dialeto boarídico, muito presente na região norte do Egito, e o saídico, comum na região sul do Egito⁴. Os textos do codex V estão todos escritos em cóptico saídico.

Um bom começo para esta discussão seria uma definição breve das características básicas de um apocalipse. A palavra apocalipse provém do grego antigo e, grosso modo, significa revelação⁵. Segundo Rosenstiehl, "a grande parte dos tratados da biblioteca copta de Nag Hammadi possui ensinamentos particulares e revela conhecimentos escondidos: no sentido genérico da palavra eles merecem o título de apocalipse"⁶. No entanto, o gênero literário apocalíptico tal como entendido hoje pelos estudiosos abarca tipos específicos de revelações, transmitidas igualmente de maneiras específicas. Ou seja, uma simples revelação não constitui necessariamente um apocalipse.

³ A grande maioria das letras utilizadas pela língua cóptica é de origem grega. Há, no entanto, letras peculiares ao idioma cóptico.

⁴ Wolf-Peter Funk. "Research in Coptic linguistics 1996-2004". *Paper* apresentado no Seminário Permanente Nag Hammadi na Universidade de Laval, Québec. Novembro de 2004. P.3.

⁵ *An Intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1989. P.99.

⁶ Jean-Marc Rosenstiehl. *L'apocalypse de Paul. Introduction*. Bibliothèque Copte de Nag Hammadi. Québec: Presses de l'Université Laval, 2005. P.14.



A tendência hoje em dia dos trabalhos e pesquisas sobre literatura apocalíptica é seguir as diretrizes apontadas pela edição número 14 da Revista Semeia, organizada por John J. Collins⁷. Collins apresenta a seguinte definição de apocalipse:

Apocalipse é um gênero de literatura revelatória com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser do outro mundo a um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que busca salvação escatológica, e também espacial, na medida em que envolve outro mundo⁸.

A definição de Collins propõe ainda uma divisão entre os apocalipses. Existem apocalipses com viagem ao além e apocalipses sem viagem ao além, também conhecidos como apocalipses históricos. Essa divisão é pertinente na análise dos apocalipses do codex V, bem como de todos os textos apocalípticos de Nag Hammadi.

Outras características do gênero apocalíptico podem ser apontadas. Deve-se primeiramente falar em pseudonímia, a atribuição da autoria do texto a uma figura, mítica ou histórica, conhecida. Praticamente todos os apocalipses conhecidos apresentam tal característica. A exceção conhecida é o *Apocalipse de São João*⁹.

A forma como a revelação é feita também é importante. A literatura apocalíptica é repleta de visões metafóricas e fantásticas e de cenários incríveis. No caso da apocalíptica de Nag Hammadi, o modo como a revelação é feita constitui uma peculiaridade. Enquanto nas

⁷ John J. Collins (ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia 14. Missoula: Scholars Press, 1979.

⁸ Idem, p. 9.

⁹ Há certo consenso de que a obra em questão não é pseudônima. Cf. Ithamar Gruenwald. *From Apocalypticism to Gnosticism*. Frankfurt: Peter Lang, 1988. P.23.



apocalípticas judaica e cristã a visão, juntamente com a intervenção do mediador celeste, revela algo ao visionário, na apocalíptica de Nag Hammadi a maioria das revelações acontece através de discursos revelatórios¹⁰. A ênfase nos apocalipses de Nag Hammadi está no dialogo do mediador celeste com o visionário. Isso não significa, porém, que não haja presença dos elementos supracitados.

O primeiro elemento que aproxima os textos do codex V do gênero apocalíptico são os títulos presentes nos manuscritos. Dos cinco textos, quatro possuem efetivamente no manuscrito o título de apocalipse. É quase certo que os textos de Nag Hammadi tenham sido escritos em grego, nos mais diferentes locais do mundo romano-helenístico e posteriormente traduzidos para o cóptico. No caso de alguns textos, a tradução cóptica poderia até mesmo ter sido feita a partir de uma outra versão cóptica¹¹. Portanto, em relação ao título dos textos, não há como saber se eles pertencem às composições originais ou se foram adicionados por tradutores ou copistas.

Com exceção do primeiro texto, todos os tratados do codex V são pseudonímicos. O primeiro tratado não contém título no manuscrito, mas foi nomeado como *Eugnostos*, o *abençoado*, por se tratar do mesmo texto encontrado no codex III¹² e que possui tal título no manuscrito em questão. Os demais textos do codex V são atribuídos a importantes personagens, Paulo, Tiago e Adão.

¹⁰ Francis T. Fallon. "The Gnostic apocalypses" in: Collins, *Apocalypse*, p.124.

¹¹ Alguns textos de Nag Hammadi, devido a presença de elementos peculiares de determinados dialetos, e, ao mesmo tempo, de elementos comuns a vários dialetos, podem ser fruto de traduções feitas de um dialeto cóptico para outro. Alguns textos podem ter sido traduzidos não diretamente do grego, mas do cóptico boarídico para o saídico. Cf. Funk, op.cit. p.6.

¹² NH III.3.



Após a explicação destes primeiros elementos, surge uma pergunta: os cinco textos do codex V de Nag Hammadi foram colocados juntos por acaso ou de propósito? Para Françoise Morard, o codex V em seu conjunto se apresenta como uma exposição de uma revelação, uma espécie de iniciação ao conhecimento necessário para a salvação¹³. Assim sendo, cada texto presente no codex V revelaria uma etapa do que é necessário ao gnóstico para atingir a salvação.

No entanto, a salvação no gnosticismo não acontece da mesma maneira que no cristianismo ortodoxo primitivo. As diferenciações entre o gnosticismo e o cristianismo ortodoxo começam em relação à figura divina. Para os gnósticos, o Deus dos judeus não passaria de um criador do mundo material. Existiria no entanto, um Deus supremo, o Pai eterno, verdadeiro Deus. O deus dos judeus, ou o Demiurgo, seria ignorante e não saberia da existência deste Deus supremo. Tendo criado o mundo material e os anjos, o Demiurgo criou também os homens, dotando-os apenas de um princípio animador (*psyché*). O Deus verdadeiro, sem o conhecimento do Demiurgo, teria então, insuflado no homem primordial, Adão, um espírito (*pneuma*). Portanto, a verdadeira salvação do gnóstico, consistiria na volta ao Pai, o Deus supremo, e não na simples morte corporal. E para se salvar, o homem precisa do conhecimento (*gnose*) de que em essência, pertence a outro mundo, e após sua morte, ascender ao reino do Pai eterno, saindo do mundo material e passando pelas camadas aéreas dominadas pelo Demiurgo e por

¹³ Françoise Morard. "Les apocalypses du codex V" in : Louis Painchaud e Anne Pasquier (eds.). *Les Textes de Nag Hammadi et le problème de leur classification*. Québec / Louvain / Paris: PUL / Peeters, 1995. P.343.



seus anjos¹⁴. Portanto, segundo Morard, cada texto do codex V demonstraria uma etapa da salvação para o gnóstico.

O primeiro texto, *Eugnostos*, o *abençoado*, não é um apocalipse propriamente dito, mas um texto teológico, uma espécie de diálogo revelatório de um mestre que demonstra aos seus discípulos que há um Deus transcendente, acima do Demiurgo. Esse seria o primeiro passo da salvação gnóstica, o conhecimento da existência do Deus transcendente e de seu mundo perfeito (pleroma) no qual o gnóstico após a morte do corpo material viveria em alegria plena e eterna. Apesar de não ser um apocalipse propriamente dito, *Eugnostos* apresenta características apocalípticas, como, por exemplo, a linguagem metafórica e a revelação de conhecimentos transcendentais e realidades extra-mundanas. De acordo com Michael Kaller "deixando de lado o gênero e papel precisos de *Eugnostos*, é seguro afirmar que suas características iniciatórias e apocalípticas fazem dele uma escolha apropriada para a abertura de um codex feito de apocalipes"¹⁵.

O segundo texto do codex V é o ApPaulo. Composto provavelmente em algum momento do século II difícil de ser precisado, este texto é um apocalipse de viagem ao além que utiliza diversos clichês presentes em textos apocalípticos judaicos e cristãos. O manuscrito do ApPaulo possui muitas lacunas no início, mas é possível perceber que o texto começa com o encontro de Paulo com um menino, que se torna no decorrer do texto o mediador celeste da revelação. Paulo interroga o menino sobre qual caminho deveria tomar para chegar a Jerusalém. O menino então, responde a Paulo com um

¹⁴ Um excelente resumo e explicação do mito gnóstico pode ser encontrado na obra de Bentley Layton. Cf. Bentley Layton. *The Gnostic Scriptures: a New Translation with Annotations and Introductions*. Garden City: Doubleday, 1987.

¹⁵ Michael Kaller. *Apocalypse de Paul - Commentaire*. Québec / Louvain / Paris: PUL / Peeters, 2005. P.150.



questionamento sobre sua essência e sua origem, levando-o a uma viagem pelos céus. Na passagem pelos diversos níveis celestes, Paulo contempla anjos julgando almas e ao chegar ao sétimo céu, depara-se com a figura de um ancião. A descrição do ancião é bastante próxima à descrição feita de Deus por alguns apocalipses judaicos¹⁶, o que leva a crer que tal figura representa o deus judaico, o Demiurgo. O ancião interroga Paulo sobre sua origem e este lhe mostra um sinal, provavelmente algo que designasse sua condição de gnóstico, que comprovasse que Paulo sabe de sua condição espiritual (pneumática) e não somente material. O ancião então, libera Paulo e este continua sua viagem até o reino do Deus supremo.

O ApPaulo constitui de certa forma um estereótipo da ascensão gnóstica que tem como protagonista o apóstolo Paulo, figura importantíssima do cristianismo, inclusive para os gnósticos. Portanto, o ApPaulo seria a demonstração da segunda etapa do caminho da salvação para o gnóstico. É um exemplo de ascensão, no qual o visionário e personagem passa direto, sem participar, pelos julgamentos de almas impostos pelo Demiurgo e seus anjos, aos homens que não tem conhecimento de sua condição de seres espirituais (pneumáticos), que pertencem em essência ao reino do Deus supremo. Paulo ainda desafia o Demiurgo e mostrando a ele sua condição de pneumático sai de seus domínios materiais chegando ao pleroma.

O ApPaulo é realmente de um apocalipse de viagem ao além, possuindo varias, senão todas, as características supracitadas. Tal, porém, não é o caso dos apocalipses de Tiago do codex V. Apesar do título presente nos

¹⁶ Por exemplo, Dn 7:13 e 1En 46-47.



manuscritos¹⁷ e dos mistérios revelados em ambos os textos, o 1 e 2 Apocalipses de Tiago não se tratam verdadeiramente de apocalipses, considerando a definição proposta por esta comunicação. Ambos os textos são diálogos revelatórios. No 1ApTg, Jesus revela mistérios a Tiago, já no 2ApTg, Tiago é o emissário da revelação.

No 1ApTg, Jesus faz duas revelações a Tiago. Na primeira, antes da ressurreição, Jesus diz a Tiago que vai instruí-lo sobre sua redenção e o coage a tomar consciência de sua identidade espiritual (pneumática), sabendo assim que pertence e deve retornar ao reino do Deus eterno. Durante seu discurso, Jesus deixa claro que foi enviado pelo Deus eterno e que não pertence a esse mundo, existindo antes de tudo¹⁸. Jesus ainda diz que Tiago é seu irmão, mas não segundo a matéria¹⁹.

Na segunda revelação, esta após a ressurreição, Jesus fala a Tiago sobre a realidade dos sofrimentos sofridos durante a Paixão, deixando claro que não sofreu verdadeiramente, prevendo a paixão do próprio Tiago²⁰. Jesus ainda alerta Tiago sobre os poderes dos arcontes²¹ (os anjos do Demiurgo) e que estes têm como objetivo tentar barrar a ascensão do gnóstico.

¹⁷ Como dito anteriormente, não se pode definir com segurança em que estágio de transmissão os títulos foram dados aos textos de Nag Hammadi. Portanto, é possível que a palavra *apocalipse* não constasse nos títulos das obras em questão em suas composições originais, e até mesmo em estágios posteriores de transmissão e em traduções intermediárias do grego para o cóptico saídico. Assim sendo, a palavra *apocalipse* pode ter sido adicionada por um tradutor ou um editor dos textos.

¹⁸ NH V.3:24,15-25.

¹⁹ NH V.3:25,1-7.

²⁰ NH V.3:32,3-11.

²¹ A palavra grega arcon (arconte) significa governante, mas no contexto dos textos de Nag Hammadi é utilizada para designar os poderes do mundo material, representados pelos anjos criados pelo Demiurgo. Cf. Joaquim Azevedo. *A Simplified Coptic Dictionary (Sahidic Dialect)*. Cachoeira: SALT-CEPLIB, 2001. P.7.



No conjunto do codex V, o papel do 1ApTg é de continuar a transmitir a revelação iniciada por Eugnostos e desenvolvida pelo ApPaulo. A primeira revelação se aproxima muito do conteúdo de Eugnostos e evidência a crença do gnóstico de que o homem não pertence a esse mundo material, criado pelo Demiurgo, e que há um Deus supremo a este criador. A segunda revelação dá continuidade ao conjunto revelatório do codex V. Ela demonstra que o Salvador é igualmente pneumático e provém diretamente do Deus eterno. A segunda revelação demonstra ainda, a grande dificuldade para a salvação dos gnósticos depois da ignorância, os arcontes.

No 2ApTg, o próprio Tiago faz o papel de intermediário e portador da revelação. Nos momentos precedentes a sua morte ele faz um discurso revelatório sobre os mistérios a ele revelados pelo próprio Jesus, antes e depois da ressurreição. A partir da página 50, começa uma descrição de uma aparição de Jesus a Tiago após a ressurreição. A contribuição que o 2ApTg traz ao conjunto do codex V é a forma de driblar os arcontes e o próprio Demiurgo no caminho da ascensão do gnóstico. Utilizando as formulas "eu sou" e "eu venho", Jesus se designa como um habitante do pleroma e ao mesmo tempo diz a Tiago que "Tu és aquele que os céus benzem [...]"²². Com esta frase, Jesus designa que Tiago pertence igualmente ao pleroma e que deve assim se identificar perante os arcontes que tentarem impedir sua ascensão.

Como já dito, os apocalipses de Tiago não são verdadeiramente apocalipses, mas textos com características apocalípticas. Há, por exemplo, a presença de personagens que de certa forma interpretam o papel de mediador celeste, no caso, Jesus. Mas se considerarmos Jesus um verdadeiro

²² NH V.3:55,24-25.



mediador celeste e estabelecermos tal critério como definidor de um apocalipse, o número de apocalipses cresceria consideravelmente, passando a embarcar inclusive textos de Nag Hammadi que são considerados Evangelhos²³.

Segundo Vielhauer a palavra "apocalipse" nos títulos do 1 e 2ApTg não deve ser considerado uma designação de um gênero literário, mas em um sentido mais amplo, uma revelação da gnose redentora, constituindo assim, um material cosmológico e soteriológico²⁴.

O último texto do codex V, o *Apocalipse de Adão* é um verdadeiro apocalipse do tipo histórico. É difícil precisar sua data de composição, mas opta-se por situá-lo entre o fim do século I e primeira metade do século II. No texto, Adão reporta ao seu filho Set revelações que teria recebido em um sonho com a ajuda de três figuras humanas provenientes do Reino Superior. Tais figuras são os mediadores celestes da revelação. Como as revelações acontecem no momento precedente à morte corporal de Adão, o texto aproxima-se do gênero testamentário, Adão transmite seu testamento ao seu filho Set²⁵. O ApAdão é um relato do desenvolvimento da história do ponto de vista gnóstico, no qual Adão revela ao seu filho Set que ambos são em essência pneumáticos e que pertencem ao pleroma. Com uma linguagem metafórica e fantástica, Adão expõe a Set toda a história da criação do mundo e do homem, falando sobre a ignorância do Demiurgo e de como ao longo da história, surgiriam salvadores para revelar aos homens sua condição pneumática.

²³ Pode-se citar, por exemplo, o *Evangelho de Tomé* (NH II.2) que se assemelha em sua forma literária aos ApTg. Trata-se de uma série de supostos ditos de Jesus, muitos com paralelos nos Evangelhos sinóticos, que revelam mistérios.

²⁴ Fallon, op. cit. p.123.

²⁵ Birger Pearson. "From Jewish apocalypticism to gnosis" in: Søren Giversen, Tage Petersen e Jørgen P. Sørensen (eds.). *The Nag Hammadi Texts in the History of Religions*. Copenhagen: Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, 2002. P.147.



Todos estes salvadores seriam descendentes ou até mesmo avatares de Set. Há ainda premonições de dilúvios e destruição escatológica do mundo material.

Como *Eugnostos*, o ApAdão não possui nenhum traço claro de cristianismo. Próximo de obras judaicas como o *Testamento de Adão* e *Vida de Adão de Eva*, ApAdão é o texto predileto daqueles que sustentam a teoria de que o gnosticismo originou-se de círculos apocalípticos judaicos²⁶. O fato é que o ApAdão é uma obra setianista, corrente do gnosticismo que não parece ter qualquer vínculo direto com o cristianismo.

O objetivo do ApAdão no conjunto do codex V é mostrar "a necessidade de ultrapassar o nível do judaísmo ortodoxo e a doutrina da Grande Igreja, o culto do Templo e o ritualismo cristão, para ascender a um conhecimento uno e puro"²⁷. E ainda de relatar uma espécie de resumo da história da salvação do ponto de vista gnóstico, exemplificando e detalhando a criação e demais estágios, bem como, demonstrar que o Deus supremo envia salvadores ao longo desta história, todos eles pertencentes à raça de Set, ou seja, os próprios gnósticos. O ApAdão demonstra o Demiurgo não só como um deus ignorante, mas também mau e invejoso que procura destruir a linhagem de Set e dos escolhidos do Deus eterno.

Apesar da aparente unidade doutrinal existente entre os textos do codex V, pode-se perceber também algumas diferenças nesse sentido. Seguramente, os textos não foram produzidos pelo mesmo grupo. Dos cinco textos, três são claramente cristãos, o ApPaulo, 1ApTg e 2ApTg. Já os outros dois tratados muito provavelmente foram produzidos sem

²⁶ Estudiosos como Birger Pearson ou George MacRae defenderam essa tese em diversos livros, artigos e comentários de traduções.

²⁷ Morard, op.cit. p.355.



qualquer tipo de influência cristã, denotando talvez, um gnosticismo pré-cristão.²⁸

O ApPaulo tem sido classificado como uma obra valentiana. Já o ApAdão é considerada uma obra setiana.²⁹ É difícil classificar as demais obras do codex V no tocante a doutrinas gnósticas. Há porém, uma versão cristianizada de *Eugnostos* em Nag Hammadi³⁰, o que corrobora com a teoria de que tal texto foi produzido sem quaisquer influências cristãs. De qualquer modo, os textos foram colocados juntos por algum propósito.

Portanto, nas palavras de Morard:

A composição do codex V responde a um objetivo pedagógico deliberado: ele se apresenta como uma espécie de manual de iniciação, de coletânea, destinado a esclarecer o aprendiz gnóstico sobre o sentido e o valor de seu comportamento, antes de lhe permitir prosseguir nos mistérios contidos em outros tratados mais elaborados³¹.

Porém, como dito anteriormente, não há uma unidade doutrinária entre os textos em questão, o que leva a crer que o trabalho de união dos tratados no codex V foi feito por um tradutor, copista ou editor, em um estágio muito avançado de transmissão dos textos. E apesar da presença de elementos apocalípticos em todos os textos, a tônica do codex V não é a apocalíptica e sim a iniciação nos mistérios da salvação do gnosticismo. Ao menos para aquele(s) que juntaram os textos do codex V, a apocalíptica

²⁸ Alguns estudiosos defendem a existência de círculos judaico-gnósticos que existiriam antes mesmo do gnosticismo valentiano e demais manifestações gnósticas cristãs. Cf. Pearson, op.cit. p.147.

²⁹ Os estudiosos que acreditam na existência de um gnosticismo judaico independente e anterior ao cristianismo, consideram o setianismo a doutrina que mais se aproximaria de tal gnosticismo.

³⁰ O texto se chama *A sabedoria de Jesus* (NH III.4). No texto, o mestre se transforma em Jesus e seus discípulos são os apóstolos e Maria Madalena.

³¹ Morard, op.cit. p.357.



e seus métodos serviram apenas como artifício retórico e tradição e estilo literário. Uma maneira de transmitir uma mensagem, utilizando-se de um método conhecido e que possuía autoridade na antiguidade tardia, principalmente dentro de círculos judaicos e cristãos, a apocalíptica.